

50X1-HUM

Page Denied

ROGER GARAUZY

POEMA DA PAZ

QUEIRO agora que o verso se transforme
E que o poeta afinal seja capaz
De pôr no poema o sangue do seu povo
Neste canto de paz.

O abito da saia se transforma;
Lembrando a saia, que ficou na calça
Seja a voz da esperança entre campos
Cantando a paz.

Que a nostalgia dos marinheiros
Lembrando a saia, que ficou na calça
Cante mais alto que a canção das vagas
Neste canto de paz.

Leontineiras, coram vós tribos,
Cidades, estações fiquem atentas
Preenchem o mundo com a distância
O apelo da paz.

O pobre camponês cante o vento
Quando passa raspando os sulhados
E a profunda raiz faça chegar
Este canto de paz.

Seja este canto adubo para a terra
Chuva bem desceendo nas trilhas
Ovalhe que a manhã seja sobre as filhas
Com um beijo de paz.

Seja chama que coze na fogueira
Acenda novas velas liberais
Que o primeiro canto saia
O clamar da paz.

Seja doce canção embalsadora
Que abraça os braços a criança
Que abraça os braços a criança
Neste canto de paz.

Seja refúgio a canção dos tropeiros,
Dos velhos, dos medanos, dos casais
De todos que amam a vida
Um mundo de paz.

Seja o canto da esperança e do amor,
Que abraça os braços a criança
Que abraça os braços a criança
Neste canto de paz.

Seja o canto da esperança e do amor,
Que abraça os braços a criança
Que abraça os braços a criança
Neste canto de paz.

Seja o canto da esperança e do amor,
Que abraça os braços a criança
Que abraça os braços a criança
Neste canto de paz.

PARA TODOS

(QUINZENAL)

Editor: Alvaro Moreira

Redator-Chefe: Dalcídio Jurandir

Correio: Ary de Andrade

Redatores: Antônia Pereira

— E. Carlos Guedes

— Flávia Guedes

— Jorge Medeiros — Lia

Correio de Notícias — Nair

— Ovarino Marques

— Yolanda Maia

Assinatura anual Cr\$ 30,00

Número anual Cr\$ 1,00

Número atrasado Cr\$ 3,00

Redação e Administração:

Rua Erasmo Braga 377

(Edifício Barbaresco) 11.

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

CAMINHO

PARA TODOS

O nome diz tudo: PARA TODOS. Mas, há muitos todos. Nem todos os todos gostarão de PARA TODOS. Esta foi sempre uma casa de gente nova. Daqui saíram alguns que andam por aí, na rua, noutras casas, até na Academia. Com memória, e desmemoriados. Fechou-se a porta por uns tempos. As janelas continuam sempre abertas. Agora é a volta ao bom passado. Os moços de 1919 têm mais trinta anos. Não perderam a esperança. Eles chamam os que não tinham nascido então: Venham. Há lugar para todos. Vamos trabalhar pelos que virão depois de nós. Vamos trabalhar para que todos sejam felizes num mundo de compreensão e de amor, em paz e com liberdade.

ALVARO MOREIRA

TIRADENTES E PORTINARI

BRASIL GERSON

No seu palácio de Tiradentes e da Inconfidência Mineira, Portinari desvelou, amplamente, sua natureza própria de pintor histórico. Já, como se sabe, foi pintado durante a longa temporada, em 1947 e 48. Estando numa ocasião na capital paulista, em 1947, em 1948, em 1949, em 1950, em 1951, em 1952, em 1953, em 1954, em 1955, em 1956, em 1957, em 1958, em 1959, em 1960, em 1961, em 1962, em 1963, em 1964, em 1965, em 1966, em 1967, em 1968, em 1969, em 1970, em 1971, em 1972, em 1973, em 1974, em 1975, em 1976, em 1977, em 1978, em 1979, em 1980, em 1981, em 1982, em 1983, em 1984, em 1985, em 1986, em 1987, em 1988, em 1989, em 1990, em 1991, em 1992, em 1993, em 1994, em 1995, em 1996, em 1997, em 1998, em 1999, em 2000, em 2001, em 2002, em 2003, em 2004, em 2005, em 2006, em 2007, em 2008, em 2009, em 2010, em 2011, em 2012, em 2013, em 2014, em 2015, em 2016, em 2017, em 2018, em 2019, em 2020, em 2021, em 2022, em 2023, em 2024, em 2025, em 2026, em 2027, em 2028, em 2029, em 2030, em 2031, em 2032, em 2033, em 2034, em 2035, em 2036, em 2037, em 2038, em 2039, em 2040, em 2041, em 2042, em 2043, em 2044, em 2045, em 2046, em 2047, em 2048, em 2049, em 2050, em 2051, em 2052, em 2053, em 2054, em 2055, em 2056, em 2057, em 2058, em 2059, em 2060, em 2061, em 2062, em 2063, em 2064, em 2065, em 2066, em 2067, em 2068, em 2069, em 2070, em 2071, em 2072, em 2073, em 2074, em 2075, em 2076, em 2077, em 2078, em 2079, em 2080, em 2081, em 2082, em 2083, em 2084, em 2085, em 2086, em 2087, em 2088, em 2089, em 2090, em 2091, em 2092, em 2093, em 2094, em 2095, em 2096, em 2097, em 2098, em 2099, em 2100, em 2101, em 2102, em 2103, em 2104, em 2105, em 2106, em 2107, em 2108, em 2109, em 2110, em 2111, em 2112, em 2113, em 2114, em 2115, em 2116, em 2117, em 2118, em 2119, em 2120, em 2121, em 2122, em 2123, em 2124, em 2125, em 2126, em 2127, em 2128, em 2129, em 2130, em 2131, em 2132, em 2133, em 2134, em 2135, em 2136, em 2137, em 2138, em 2139, em 2140, em 2141, em 2142, em 2143, em 2144, em 2145, em 2146, em 2147, em 2148, em 2149, em 2150, em 2151, em 2152, em 2153, em 2154, em 2155, em 2156, em 2157, em 2158, em 2159, em 2160, em 2161, em 2162, em 2163, em 2164, em 2165, em 2166, em 2167, em 2168, em 2169, em 2170, em 2171, em 2172, em 2173, em 2174, em 2175, em 2176, em 2177, em 2178, em 2179, em 2180, em 2181, em 2182, em 2183, em 2184, em 2185, em 2186, em 2187, em 2188, em 2189, em 2190, em 2191, em 2192, em 2193, em 2194, em 2195, em 2196, em 2197, em 2198, em 2199, em 2200, em 2201, em 2202, em 2203, em 2204, em 2205, em 2206, em 2207, em 2208, em 2209, em 2210, em 2211, em 2212, em 2213, em 2214, em 2215, em 2216, em 2217, em 2218, em 2219, em 2220, em 2221, em 2222, em 2223, em 2224, em 2225, em 2226, em 2227, em 2228, em 2229, em 2230, em 2231, em 2232, em 2233, em 2234, em 2235, em 2236, em 2237, em 2238, em 2239, em 2240, em 2241, em 2242, em 2243, em 2244, em 2245, em 2246, em 2247, em 2248, em 2249, em 2250, em 2251, em 2252, em 2253, em 2254, em 2255, em 2256, em 2257, em 2258, em 2259, em 2260, em 2261, em 2262, em 2263, em 2264, em 2265, em 2266, em 2267, em 2268, em 2269, em 2270, em 2271, em 2272, em 2273, em 2274, em 2275, em 2276, em 2277, em 2278, em 2279, em 2280, em 2281, em 2282, em 2283, em 2284, em 2285, em 2286, em 2287, em 2288, em 2289, em 2290, em 2291, em 2292, em 2293, em 2294, em 2295, em 2296, em 2297, em 2298, em 2299, em 2300, em 2301, em 2302, em 2303, em 2304, em 2305, em 2306, em 2307, em 2308, em 2309, em 2310, em 2311, em 2312, em 2313, em 2314, em 2315, em 2316, em 2317, em 2318, em 2319, em 2320, em 2321, em 2322, em 2323, em 2324, em 2325, em 2326, em 2327, em 2328, em 2329, em 2330, em 2331, em 2332, em 2333, em 2334, em 2335, em 2336, em 2337, em 2338, em 2339, em 2340, em 2341, em 2342, em 2343, em 2344, em 2345, em 2346, em 2347, em 2348, em 2349, em 2350, em 2351, em 2352, em 2353, em 2354, em 2355, em 2356, em 2357, em 2358, em 2359, em 2360, em 2361, em 2362, em 2363, em 2364, em 2365, em 2366, em 2367, em 2368, em 2369, em 2370, em 2371, em 2372, em 2373, em 2374, em 2375, em 2376, em 2377, em 2378, em 2379, em 2380, em 2381, em 2382, em 2383, em 2384, em 2385, em 2386, em 2387, em 2388, em 2389, em 2390, em 2391, em 2392, em 2393, em 2394, em 2395, em 2396, em 2397, em 2398, em 2399, em 2400, em 2401, em 2402, em 2403, em 2404, em 2405, em 2406, em 2407, em 2408, em 2409, em 2410, em 2411, em 2412, em 2413, em 2414, em 2415, em 2416, em 2417, em 2418, em 2419, em 2420, em 2421, em 2422, em 2423, em 2424, em 2425, em 2426, em 2427, em 2428, em 2429, em 2430, em 2431, em 2432, em 2433, em 2434, em 2435, em 2436, em 2437, em 2438, em 2439, em 2440, em 2441, em 2442, em 2443, em 2444, em 2445, em 2446, em 2447, em 2448, em 2449, em 2450, em 2451, em 2452, em 2453, em 2454, em 2455, em 2456, em 2457, em 2458, em 2459, em 2460, em 2461, em 2462, em 2463, em 2464, em 2465, em 2466, em 2467, em 2468, em 2469, em 2470, em 2471, em 2472, em 2473, em 2474, em 2475, em 2476, em 2477, em 2478, em 2479, em 2480, em 2481, em 2482, em 2483, em 2484, em 2485, em 2486, em 2487, em 2488, em 2489, em 2490, em 2491, em 2492, em 2493, em 2494, em 2495, em 2496, em 2497, em 2498, em 2499, em 2500, em 2501, em 2502, em 2503, em 2504, em 2505, em 2506, em 2507, em 2508, em 2509, em 2510, em 2511, em 2512, em 2513, em 2514, em 2515, em 2516, em 2517, em 2518, em 2519, em 2520, em 2521, em 2522, em 2523, em 2524, em 2525, em 2526, em 2527, em 2528, em 2529, em 2530, em 2531, em 2532, em 2533, em 2534, em 2535, em 2536, em 2537, em 2538, em 2539, em 2540, em 2541, em 2542, em 2543, em 2544, em 2545, em 2546, em 2547, em 2548, em 2549, em 2550, em 2551, em 2552, em 2553, em 2554, em 2555, em 2556, em 2557, em 2558, em 2559, em 2560, em 2561, em 2562, em 2563, em 2564, em 2565, em 2566, em 2567, em 2568, em 2569, em 2570, em 2571, em 2572, em 2573, em 2574, em 2575, em 2576, em 2577, em 2578, em 2579, em 2580, em 2581, em 2582, em 2583, em 2584, em 2585, em 2586, em 2587, em 2588, em 2589, em 2590, em 2591, em 2592, em 2593, em 2594, em 2595, em 2596, em 2597, em 2598, em 2599, em 2600, em 2601, em 2602, em 2603, em 2604, em 2605, em 2606, em 2607, em 2608, em 2609, em 2610, em 2611, em 2612, em 2613, em 2614, em 2615, em 2616, em 2617, em 2618, em 2619, em 2620, em 2621, em 2622, em 2623, em 2624, em 2625, em 2626, em 2627, em 2628, em 2629, em 2630, em 2631, em 2632, em 2633, em 2634, em 2635, em 2636, em 2637, em 2638, em 2639, em 2640, em 2641, em 2642, em 2643, em 2644, em 2645, em 2646, em 2647, em 2648, em 2649, em 2650, em 2651, em 2652, em 2653, em 2654, em 2655, em 2656, em 2657, em 2658, em 2659, em 2660, em 2661, em 2662, em 2663, em 2664, em 2665, em 2666, em 2667, em 2668, em 2669, em 2670, em 2671, em 2672, em 2673, em 2674, em 2675, em 2676, em 2677, em 2678, em 2679, em 2680, em 2681, em 2682, em 2683, em 2684, em 2685, em 2686, em 2687, em 2688, em 2689, em 2690, em 2691, em 2692, em 2693, em 2694, em 2695, em 2696, em 2697, em 2698, em 2699, em 2700, em 2701, em 2702, em 2703, em 2704, em 2705, em 2706, em 2707, em 2708, em 2709, em 2710, em 2711, em 2712, em 2713, em 2714, em 2715, em 2716, em 2717, em 2718, em 2719, em 2720, em 2721, em 2722, em 2723, em 2724, em 2725, em 2726, em 2727, em 2728, em 2729, em 2730, em 2731, em 2732, em 2733, em 2734, em 2735, em 2736, em 2737, em 2738, em 2739, em 2740, em 2741, em 2742, em 2743, em 2744, em 2745, em 2746, em 2747, em 2748, em 2749, em 2750, em 2751, em 2752, em 2753, em 2754, em 2755, em 2756, em 2757, em 2758, em 2759, em 2760, em 2761, em 2762, em 2763, em 2764, em 2765, em 2766, em 2767, em 2768, em 2769, em 2770, em 2771, em 2772, em 2773, em 2774, em 2775, em 2776, em 2777, em 2778, em 2779, em 2780, em 2781, em 2782, em 2783, em 2784, em 2785, em 2786, em 2787, em 2788, em 2789, em 2790, em 2791, em 2792, em 2793, em 2794, em 2795, em 2796, em 2797, em 2798, em 2799, em 2800, em 2801, em 2802, em 2803, em 2804, em 2805, em 2806, em 2807, em 2808, em 2809, em 2810, em 2811, em 2812, em 2813, em 2814, em 2815, em 2816, em 2817, em 2818, em 2819, em 2820, em 2821, em 2822, em 2823, em 2824, em 2825, em 2826, em 2827, em 2828, em 2829, em 2830, em 2831, em 2832, em 2833, em 2834, em 2835, em 2836, em 2837, em 2838, em 2839, em 2840, em 2841, em 2842, em 2843, em 2844, em 2845, em 2846, em 2847, em 2848, em 2849, em 2850, em 2851, em 2852, em 2853, em 2854, em 2855, em 2856, em 2857, em 2858, em 2859, em 2860, em 2861, em 2862, em 2863, em 2864, em 2865, em 2866, em 2867, em 2868, em 2869, em 2870, em 2871, em 2872, em 2873, em 2874, em 2875, em 2876, em 2877, em 2878, em 2879, em 2880, em 2881, em 2882, em 2883, em 2884, em 2885, em 2886, em 2887, em 2888, em 2889, em 2890, em 2891, em 2892, em 2893, em 2894, em 2895, em 2896, em 2897, em 2898, em 2899, em 2900, em 2901, em 2902, em 2903, em 2904, em 2905, em 2906, em 2907, em 2908, em 2909, em 2910, em 2911, em 2912, em 2913, em 2914, em 2915, em 2916, em 2917, em 2918, em 2919, em 2920, em 2921, em 2922, em 2923, em 2924, em 2925, em 2926, em 2927, em 2928, em 2929, em 2930, em 2931, em 2932, em 2933, em 2934, em 2935, em 2936, em 2937, em 2938, em 2939, em 2940, em 2941, em 2942, em 2943, em 2944, em 2945, em 2946, em 2947, em 2948, em 2949, em 2950, em 2951, em 2952, em 2953, em 2954, em 2955, em 2956, em 2957, em 2958, em 2959, em 2960, em 2961, em 2962, em 2963, em 2964, em 2965, em

Encontro...

astum
 Demo-
 a vendi-
 tidada em
 Não é
 mento do
 a socie-
 cialistas;
 vigorosa
 clares é
 no pre-
 se de
 o país
 socialis-
 ta, menta
 a arma
 gram a
 rram a
 rson de
 ico. Co-
 rram
 stalini-
 toloco-
 inconti-
 em apa-
 rramal li-
 as; vem
 e Vi-
 muito
 ividuals
 stas que
 os cri-
 abalhos
 opos de
 ram fla-
 vadas. A
 da vez
 e. Deite
 na ar-
 Uma se-
 Unido
 o espe-
 se pos-
 suas

matas, há 10
 edição de
 agora a si-
 torquise o pá-
 nio e a coran-
 leccas popu-
 os poemas
 m pegus, e
 eram em q-
 mbulheiro dos
 elas são os
 m remun-
 Rumânia 90
 ciar os
 rro cientif-
 ciores al co-
 ar a cultura
 traduces é
 muitos tra-
 multas en-
 ontra de
 ubilidades. E
 em todos
 asculas e le-
 de cada al-
 pta pinaco-
 para sua
 ra os seus
 poemas.
 aando a de
 rem de vi-
 enfrentando
 a superior
 zora com
 demente
 mentistas a
 tica e a
 uamento do
 muito mais
 e extrante-
 dade, denso,
 altinge os
 autor que
 seu divo,
 te de sua
 ente do
 te, tribu-

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003800080005-6



O Barão em grande "estilo"

Numa noite em São Paulo, três jornalistas sentiram-se, de repente, famintos. Mas o jantar estava difíceis. Imensa e fechada se tornou então a cidade, agora expulsa de garça e de goiás. Todos os telefones amigos ocupados ou interrompidos, o isolamento foi completo. Nos restaurantes, que se faziam cada vez mais numerosos e onde multidões comiam com insolente e tranquila voracidade, frangos e pizzas se acumulavam e reagendavam numa exuberância de anáguas banquetes. Uma pergunta só que era constante, parecia indicio de salvação. E o telefone do Senhor Barão? O hotel? O hotel? Tinham os jornalistas, venciendo o céreo implacável, conseguido ligar para um inespereado amigo e este, de muito longe, heroicamente arriscou um número de apartamento em certo edifício.

A CAVA

Lá estava o Barão. O apartamento era uma cava medieval onde um astrólogo e alquimista arabava de trabalhar. Estranhos instrumentos e papéis, in-fólios, mapas, cleptoras, restos de sarcofagos e mímias, palimpsestos e folhos terrestres, termômetros e trixipolios, eletrotes e retortas, avessas e avessas, e outras maravilhas espalhavam-se na cama, no chão, nas cadeiras, paredes e teto. A lâmpada elétrica tinha algo de uma complexidade mágica. No meio, estendendo na água o Barão repousava. Ao ver-nos, expulsa, com ilustre displicência, o seu nobre cansaço. Necessitava de alguns minutos para repousar e logo voltar com maior e mais sagrada fúria à longa e cruel batalha. Trabalhava no Almanaque. E seu repouso, naquele instante, invocava realmente um silêncio de outras eras, o silêncio da alquimia e da astrologia. Potências infernais, que falavam dos astros e das próximas temperaturas, eletrotes e terremotos, dos primeiros calendários da Terra e do Universo, de secretas composições da pedra filosofal e do ouro, flutuavam naquela atmosfera de sortilégio. Toda a aristocracia com o seu poder, os seus papas e felicitos, sua ortodoxia e os seus heréticos, a ciência e a magia, os brades e o ecletismo, todos os recursos da sua arte militar e da metafísica refugiavam-se naquele transparente. O último Barão trabalhava. Suas imensas terras e castelos, servos e numerosas vassalagens comprimiam-se na furia insondável. Ali, solitário e vidente, o Barão analisava os Pastos, dispunha a Cronologia em nova ordem, subvertia a ciência das predições, expulsava Newton e Einstein da abóbada celeste, perpetrava máximas de sibila proféticas, fichava o tempo e o espaço nos salientes arquivos do Almanaque. E escrevia como se fosse todo uma multidão de escravos construindo uma pirâmide.

FADIGA DE BARÃO

Sua fadiga não dava a impressão, que depois se confirmou, de que havia discutido, com alguma veemência e decisiva vantagem, com Nostradamus a respeito do Almanaque. No resto pôdo, um austero super-escapade-lhe as barbas que adquiriam uma semelhança com papirus molhados na água do Nilo. Escalavam a anti-guidade, a sabedoria e a viciada dos sacerdotes de Memphis.

Lego que nos ouviam, o cansaço e as fundas preocupações do Barão se transformaram num súbito interesse de servir. Ergue-se para consultar a área, que se abre, profunda e vasta. Com indistinctível vexame e mesmo repugnância, mergulha num bolso decorativo, retira umas cédulas amassadas e úmidas e reparte, pedindo

O ALMANAQUE VOLTARÁ A SER RELEITO

O ALMANAQUE e o Barão - Como foi pensado, escrito, gravado e lançado o almanaque dos almanques - um trabalho de séculos e de civilizações - Riso e Moralidade do ALMANAQUE Reportagem de DALCIDIO JURANDIR

descolou, a sua fortuna conosco. Dai em diante teria que vender mesmo a sua alma ao Diabo que deveria estar de fora, espreitando a cena. O Barão na sua feudal grandiosidade e ternura, oublia, no fundo, justa e sabia cõlera ao se ver assim tão rudemente interrompido em seu breve repouso, no brevíssimo intervalo entre duas elegantes tardes de uma empírica sem precedentes na história, sobretudo na história dos almanques. Salimos com a nossa vergonha e a nossa humildade, precários homens da plebe, edificadas ante aquela nobreza e indignados com a nossa fome. E justamos, com remorso, sombriamente, com avidez e a miséria de vagabundos, a que um sábio e fidalgo, interrompido no seu descaço e nas suas meditações, houve-se alçado de sua terra um pouco de pão e uma botela de vinho. Enquanto tinhamos anátemas fomes, o Barão condenava o Tempo, o Espaço, as Delas, a Moralidade, o Humor dos deuses e o dos atuais vendedores de batatas a Sabedoria do Homem, enfim, — no Almanaque.

O NASCIMENTO

Meses depois daquela furia, daquele silêncio e márgem mover de séculos e instrumentos, daquela pesquisa sobre os astros da Caldeia e a arte da publicidade moderna, daquelas milenares camadas de papel sobre a cama, nasce o Almanaque. E o seu nascimento lembra a importância histórica daquele livro, o Livro de Tódo o Babel, agitado há 424 anos numa vale da Mesopotâmia, de que falava Eça de Queiroz.

O Almanaque não está gravado sobre o papel e o granito, como o da Mesopotâmia mas sobre o tipo com linha d'água. Conta Eça que o da Mesopotâmia foi escrito às vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth. O Almanaque foi, entretanto, edificado por um sábio só, um Barão, cuja linhagem vem da corte celeste baixada pela época de Constantino para fundar e conservar durante séculos as instituições do Castelo e da Cavalaria. E é agora lançado às vésperas de outro Dilúvio que não cobrirá a terra mas afogará alguns custosos renitentes e algumas castas que se esqueçeram de se retirar a tempo do planeta. O novo Dilúvio lavará o mundo desta vez sem necessidade de nova arca. E essa predição máxima pode ser lida através dos seus folhos súlis para agricultores, recreações, receitas, pro-vérhos, datas e anedotas que revelam no Almanaque numa grande risada. No fundo de sua bilandade e de seu saber o Almanaque é um livro de profecia. E nunca uma cultura de almanaque se mostrou tão densa e típica, ao mesmo tempo tão fácil e risonha como a do Almanaque. Nela os homens simples, os professores de universidades, os boletários e os velhos covinhas de porta da farmácia e da barbearia, principalmente os grandes escritores nacionais encontraram cultura como em nenhum almanaque encontraram.

O Almanaque é único na história dos Almanques. Houve, por certo, alguns imitadores seus, perdidos no passado. E ainda Eça de Queiroz que nos fala do "almanaque que desata a rir". E enumera os almanques para rir, "o Almanaque cômico", o almanaque satírico, o Almanaque das Cem Pilberias, o Almanaque das Cem Orgulhadas". Como vemos nada que se compare à esteticidade e à matemática do Almanaque cujo riso, cuja sátira, comediante e gapalhadas não inumeráveis.

PAULISTA DE 400 DIAS

E como nasceu esse monstro de humor e curiódia, como trabalhos o seu Creador, como rolou e se apurou em suas mãos tão copioso e pensado trabalho? E o que vamos ouvir do Barão, no seu apartamento agora no Rio, às voltas com os novos planos para o Almanaque do Segundo Somatório.

— Estou aqui por alguns dias, disse o Barão, que delicadamente colocava sobre os Nôvros de Manzoni,

um grosso volume de anatomia descritiva. Minha praça é São Paulo. Seu paulista de quatrocentos dias. Mostra-nos o mapa das autorizações de anúncios para o Almanaque do Segundo Somatório e começa a falar de sua obra:

— O Almanaque foi o produto de uma necessidade. Eu andava enfrentando um duro trabalho com A Manhã. Falta-me tempo. Outras tarefas e direções, maiores e maior o meio industrial para o campo da publicidade e, portanto, do estímulo econômico ao Almanaque.

O Barão estirou-se na cama, lento e sorridente:

— Para dizer a verdade, a lembrança não foi só minha, foi descoberta de muitos. E foi a necessidade, repito, que determinou o seu aparecimento. E quando o tive na cabeça pensei em Guevara para meu colaborador e companheiro. Pensava num caderno de dez mil exemplares, sem as proporções do atual Almanaque. Tinha a fazer uma paródia dos almanques, uma caricatura, uma miscelânea humorística com as ilustrações de Guevara. Quando sobre que Guevara estava em São Paulo, parti de avião para lá. Tê-lo como ilustrador era básico para o meu trabalho.



O Barão "à natural"

O BARÃO E OS ILUSTRADORES NACIONAIS

Aqui o Barão reflete um pouco e confessa:

— Admito e estimo os nossos ilustradores nacionais. Mas nenhum deles possui as afinidades que tem comigo Guevara com o meu gosto, a minha maneira de trabalhar. Os nossos artistas são inteligentes, magníficos, capazes de uma bela obra de arte mas não correspondem nunca ao que quero no meu trabalho. Ou eu é que não correspondo... não sei. O fato é que para um trabalho de conjunto, da importância do Almanaque, só Guevara. Foi ao hotel onde estava o grande ilustrador e conversei-lhe longamente, durante a noite inteira. Vi nele entusiasmo e ânimo de trabalho. Acordou-me que não realizasse o trabalho no Rio, mas em São Paulo, onde as possibilidades gráficas eram maiores e maior o meio industrial para o campo da publicidade e, portanto, do estímulo econômico ao Almanaque.

O MENINO CONTRA OS ALMANQUES

O Barão fala-nos da reforma do Calendário e de outras magnitudes do Almanaque:

— Tinha que assentar as bases humorísticas do calendário e das predições. Era um modo de rir da indistinctude do tempo e do espaço. O resto era encher páginas com o que todos os almanques clássicos podem trazer e com todas as modalidades do humorismo. Apenas teria de interpretar à maneira do humorismo o que dissesse os almanques clássicos. Seria uma inovação.

Indagamos se comprou muitos almanques para ver como eram feitos, se imitou alguns modelos.

— Comprei alguns, sim. Mas para ver como eram feitos, não com o intuito de imitá-los e sim de fazer o contrário.

E nos disse que no seu tempo de menino alimentava certa queidra com os almanques, pelo menos um irresistível desejo de sempre contrariá-los.

E continuou:

— Enviei as complicações e procurei oferecer uma leitura a mais variada possível. Estou vendo que homens, mulheres e crianças leem o Almanaque. Há mesmo o elogio do analfabetismo.

A MORAL DO ALMANAQUE

Sobre os objetivos morais do Almanaque, o Barão nos falou gravemente, como grande moralista que é:

— O Almanaque é contra a velha estupidez humana. Contra todas as deformações do riso e da graça. Contra essa expiação de quadras e histerias, essa pilhéria estandardizada que compramos a dolar, encantando cada vez as nossas divas. O Almanaque traz uma lição de otimismo e de coragem para enfrentar estas misérias diárias.

Sobre a atualidade do Almanaque, diz o Barão: — O nosso Almanaque tenta manter sempre o espírito em dia. E quanto aos instrumentos com que trabalha não é um instrumento de cultura. O melhor é que não seja uma caneta de propulsão a jato, o segundo será com o cérebro eletrônico e o terceiro... talvez falesmos o elogio do analfabetismo.

E como quisese logo acabar com o nosso escapato, o Barão explicou:

— O Almanaque deixará talvez de ser lido e não sabemos o que será e fará compreender que a leitura não é um instrumento de cultura. O melhor é que não se subleste ler. Hoje se pode aprender pelo ouvido e pela vista. Eu conhecia Hamlet de ouvido. Nunca conseguí ler. Era, decerto, obrigado a saber mais ou menos de cor o "To be or not to be" e a repetir o "Worlds, Worlds, Worlds". Em três horas de projeção num cinema, em companhia de encantadora sculora, conheci o Hamlet por inteiro. Isso me fez então duvi-



O Barão da Inglaterra ao lado do Bernardo Shaw do Brasil

dar da duração do Almanaque como coisa escrita, como obra de leitura. Amanhã parece que deixará de haver necessidade de ler. E como sairá o Almanaque? Não posso neste momento positivar os meus prognósticos.

Como se explica o sucesso de Almanaque?

— Dos quarenta e cinco milhões de brasileiros, quarenta milhões são analfabetos e cinco não sabem ler. Mesmo assim o público que resta é muito restrito... Como se explica o sucesso de Almanaque?

O Barão ergue-se, aproxima-se de nós, o que nos intimida um pouco, tal é a emanção de sua aristocracia e o brilho de sua credência:

— Edição, o da lâmpada incandescente, dizia que todas as grandes descobertas não eram produtos de inspiração mas de transpiração. A descoberta do Almanaque me custou muito suor. Tive que convergar as roupas, o herosmo e a arte de Napoleão para vencer todas as batalhas. E muitas batalhas foram travadas.

Uma após outra, até a guerra total.

Como estrategista, que faz a generalização teórica de sua arte militar, após ter provado na prática a sua eficiência e o seu triunfo, o Senhor Barão acrescenta:

— A primeira grande batalha, a de não ler diários.

Conseguir autorizações de anúncios que eu não podia sem devia cobrar, por antecipação. Depois de conseguidas as autorizações, veio a batalha mais árdua, a da coleta dos originais de anúncios. Tinhamos que su-

ter os tipos de anúncios, trabalho artístico, etc. Só havia a ideia e o enorme trabalho a redigir. E a maior dificuldade estava em coletar esses anúncios dentro do

Almanaque, de uma maneira original e nova. A terceira batalha se travou dentro das oficinas. Era neces-

sário dividir o trabalho para executá-lo. Como conseguir o tempo? Como escrever e ao mesmo tempo estar na oficina?

NINGUÉM MAIS ACREDITAVA NO ALMANAQUE

O Barão conta-se como se fosse repouso ainda do enorme esforço:

— Depois de alguns meses, 99 por cento dos meus amigos acreditavam mais no Almanaque. Os honra-

dos comerciantes acreditavam que se tratava de mais um "marcarra". A praça havia sido lograda. E o tem-

po passava. Tive que quebrar uma praxe editorial. Os

editores, geralmente, exigem os originais do livro todo

para efeito de orçamento etc. Com o Almanaque, a

praxe foi rompida. Eu fazia o trabalho diariamente.

Durante dos três meses havia uma espécie de jôgo

de peteca entre o autor e os chefes de oficinas. Diaria-

mente eu entregava os originais ao chefe que devolvia

as provas dos originais da prova. Essas provas eram

revisadas e entregadas novas originais. Depois de uma

certa quantidade, as provas iam sendo paguinadas. A

paginação foi uma batalha. A matéria não deveria

passar de uma página para outra. Cumprir fazer a

distribuição harmoniosa e sobria da publicidade para

não acumular os anúncios. E eu tinha que parar. Tinha

que produzir. Corrigia as provas, à noite fazia deter-

minando número de novas matérias. E começava a agra-

das-las numa sequência de assuntos. Devei de ser ho-

mem de sete instrumentos para ser de setecentos. A

bases da publicidade, por exemplo, não podia ser feita

como se faz normalmente.

(Continua no 6.º página)